



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANA AMÉLIA VILAR GOUVEIA**

**FESTA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES: LUGAR DE ENCONTROS E  
REENCONTROS DOS CARIRIENSES  
SÃO JOÃO DO CARIRI-PB  
(1970-1996)**

**CAMPINA GRANDE- PB  
2018**

**ANA AMÉLIA VILAR GOUVEIA**

**FESTA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES: LUGAR DE ENCONTROS EM  
REENCONTROS DOS CARIRIENSES  
SÃO JOÃO DO CARIRI-PB  
(1970-1996)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dr. José Pereira de Souza Junior

**CAMPINA GRANDE-PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G719f Gouveia, Ana Amelia Vilar.

Festa de Nossa Senhora dos Milagres [manuscrito] : lugar de encontros e reencontros João Cariri (1970-1996) / Ana Amelia Vilar Gouveia. - 2018.

47 p. : il. colorido. Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.

"Orientação : Prof. Dr. José Pereira de Souza Junior ,  
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Sagrado e profano. 2. Lugares de memória. 3. Poder e tática. 4. Sociabilidade. I. Título

21. ed. CDD 981.33

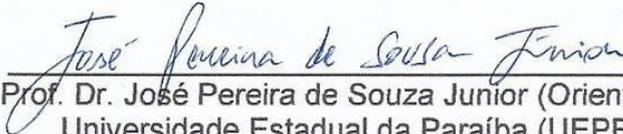
ANA AMÉLIA VILAR GOUVEIA

FESTA DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES: LUGAR DE ENCONTROS E  
REENCONTROS DOS CARIRIENSES  
SÃO JOÃO DO CARIRI-PB  
(1970-1996)

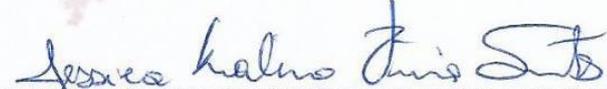
Artigo apresentada (o) ao Programa de  
Graduação em Licenciatura Plena em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito parcial à  
obtenção do título de Graduado em  
Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 06/12/2018.

BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Pereira de Souza Júnior (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. D<sup>ra</sup>. Ofélia Maria Barros  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Mst. Jessica Karine Santos Vieira  
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Aos meus pais, José Marivaldo e Maria Adriana  
pela dedicação, companheirismo e incentivo,  
DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por, em muitos momentos aflitivos, conceder a sua paz e a serenidade para enfrentar os obstáculos e superar os desafios.

Aos meus pais, José Marivaldo e Maria Adriana, pelo exemplo de vida, pelo estímulo a busca do crescimento por meio da educação e por oferecer as condições necessárias para a realização deste trabalho. Sejam sempre abençoados.

Ao meu querido irmão, Moisés Vilar, pelo apoio sincero e por não medir esforços para me ajudar em todos os momentos em que necessitei no decorrer da minha formação acadêmica. És exemplo de carinho e união.

A minha avó paterna, Maria de Lourdes, exemplo de luta, força e fé. A fonte de inspiração para minha pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Milagres. És inspiradora, és exemplo de amor.

Ao professor José Pereira Junior pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação e paciência durante toda esta caminhada.

A minha avó materna, Severina Felix (*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força.

A minha tia-avó Josefa Gouveia, por todo carinho, alegria e confiança e por sempre me incentivar a lutar. És exemplo de vida, de mulher e de amor.

Aos meus familiares e amigos por sempre me darem força e me incentivarem a sempre lutar. Muito obrigado pela amizade.

Aos meus colegas de classe Claudiana Castro, Renato Cavalcante, Maguison Lucas e Pedro Henrique, pelo companheirismo e incentivo durante toda esta trajetória. Vocês foram de fundamental importância.

A Cristiano, funcionário do Santuário de Nossa Senhoras dos Milagres que com imenso carinho e atenção disponibilizou uma série de documentações sobre a Santuário que foram de fundamental importância na minha pesquisa. Meu muito obrigado!

A Flavia Queiroz e Lourdes Queiroz pela amizade e caminho sincero depositado durante toda a minha trajetória até aqui. Meus sinceros agradecimentos.

A todos os meus alunos, fontes de luz e de esperança de um futuro melhor. Vocês me dão esperança e força para lutar.

*“Eu sou semente gestada  
No solo do cariri  
Tive um dia que partir  
Para percorrer outra estrada  
Deixei minha raiz fincada  
Na carne do meu torrão  
Se esparrama pelo chão  
Da minha geografia  
Cariri canta alegria  
No solo do coração”*  
(Francisco de Paula Almeida- 2014)

## RESUMO

O presente trabalho descreve a Festa de Nossa Senhora dos Milagres, São João do Cariri: Lugar de encontros e reencontros dos caririenses. Por meio de pesquisa bibliográfica, iconográfica e do acesso as narrativas dos/as participantes buscaremos compreender as relações entre o sagrado e o profano nas festividades; também objetivamos analisar os lugares de memórias e as relações de poder e táticas existentes no evento. Analisando a festa como um lugar de sociabilidade.

**Palavras-Chave:** Sagrado e Profano. Lugares de Memória. Poder e Tática. Sociabilidade.

## ABSTRACT

The present work describes the Feast of Our Lady of Miracles, St. John of Cariri: Place of meetings and meetings of the Caririans. Through bibliographical, iconographic and access research the narratives of the participants will seek to understand the relationship between the sacred and the profane in the festivities; we also aim to analyze the places of memories and the power relations and tactics existing in the event. Analyzing the party as a place of sociability.

**Keywords:** Sacred and Profane. Places of Memory. Power and Tactics. Sociability.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1-</b>	Mapa geográfico do território eclesiástico de São João do Cariri-Século XIX .....	<b>19</b>
<b>Figura 2-</b>	Imagem de Nossa Senhora dos Milagres (1990) .....	<b>23</b>
<b>Figura 3-</b>	Imagem de Nossa Senhora dos Milagres (1970) .....	<b>23</b>
<b>Figura 4-</b>	Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Milagres (1970) .....	<b>25</b>
<b>Figura 5-</b>	Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Milagres (2017) .....	<b>25</b>
<b>Figura 6-</b>	Bandeira de divulgação da Festa de Nossa Senhora dos Milagres (1972) .....	<b>27</b>
<b>Figura 7-</b>	Convite da Festa de Nossa Senhora dos Milagres (1993) .....	<b>28</b>
<b>Figura 8-</b>	Pavilhão Central (1984) .....	<b>31</b>
<b>Figura 9-</b>	Pavilhão Central na década de 70 .....	<b>32</b>
<b>Figura10-</b>	Desfile cívico na década de 90 .....	<b>33</b>
<b>Figura11-</b>	Procissão de Nossa Senhora dos Milagres (1987) .....	<b>35</b>

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. I CAPÍTULO: HISTÓRIA E DEVOÇÃO.....</b>	<b>17</b>
2.1 Breve histórico sobre a Villa Real de São João - São João do Cariri .....	17
2.2A Paroquia e a Devoção.....	20
<b>3. II CAPÍTULO: AS FESTIVIDADES DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES.....</b>	<b>27</b>
3.1 A Festa, sociabilidade e lugares de memória.....	27
3.2 A procissão: Os Ritos do Sagrado.....	34
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>39</b>
<b>5.REFERÊNCIAS .....</b>	<b>41</b>
<b>6. ANEXOS .....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As festas, procissões e a mistura do sagrado e do profano dentro dos eventos religiosos têm motivado a sociabilidade e o reencontro das famílias no mundo, e no Brasil não seria diferente. Além dos aspectos simbólicos das manifestações da cultura, as comemorações religiosas despontam para ações vinculadas tanto aos movimentos econômicos quanto a sociabilidade nos locais onde são realizados.

Diante do que foi apresentado acima surge a necessidade de analisar as experiências na festa de Nossa Senhora dos Milagres no Município de São João do Cariri nas décadas de 1970 a 1996, sendo feito este recorte temporal após as pesquisas apontarem mudanças significativas nas festividades tanto no campo do sagrado quanto do profano. O motivo que nos fez abordar as festividades, representações simbólicas e a sociabilidade se deu tanto no campo do sagrado como no profano, como na sua dimensão de lazer e sociabilidade.

O amadurecimento despertou querer enfatizar neste objeto de pesquisa sobre a festa de padroeiro de São João do Cariri e aprofundar os conhecimentos em relação as manifestações culturais dos caririenses. Outro motivo foi a de deixar registrada uma fonte histórica das festas populares. Este cruzamento só foi despertado nas aulas de historiografia brasileira, a partir das análises historiográficas sobre a história local. Durante os debates sobre a importância de registrar as memórias de um lugar, para que as mesmas não sejam apagadas com o tempo.

A partir de um levantamento geral dos principais autores, como também da seleção de alguns documentos que abordam as manifestações populares brasileiras, decidimos priorizar a Festa de Nossa Senhora dos Milagres, devido ao critério de conhecer de perto este evento, de maior acessibilidade a bibliografia, fontes, relatos, e tantas outras e assim permitir aprofundar no enfoque geral do objetivo de pesquisar, os lugares de memórias, a história do Igreja, lazer, festa e relações sociais e culturais, fazendo assim uma análise sobre como o profano e o sagrado estão presentes nestas relações durante os festejos.

A narrativa vai ser de suma importância tanto para academia quanto para os leitores caririenses que vão ter a oportunidade de aprofundar-se mais na própria história local, além do mais, trata-se de uma fonte de recurso científico para os educadores e educandos do município de São João do Cariri.

Pretendo pesquisar a história, as festividades de Nossa Senhora dos Milagres. Festa está que ocorre no mês de setembro em especial no dia 8 (oito), já que é a data oficial da procissão da Padroeira. Sete dias antes a população local começa a participar ativamente do evento.

Objetivamos entender a Festa de Nossa Senhora dos Milagres, verificar o envolvimento das famílias caririenses no festejo paralelos. Observar o cenário da festa, pessoas e personagens e a forma como as mesmas reencontram seus lugares de memória durante os festejos.

Analisar a importância da festa para os caririenses e demais agentes, no sentido festivo, através de suas crenças populares, sendo uma festa como espaço de lazer, divertimento e devoção. A festa de Nossa Senhora dos Milagres não somente é um espaço sagrado, mas também uma festa de lazer, um momento de relações de trocas sociais e culturais. Neste sentido no decorrer do trabalho vamos perceber estas relações que são estabelecidas nos festejos, no cenário da Festa de Nossa Senhora do Milagres.

No âmbito do desenvolvimento em torno do objeto de pesquisa dialogaremos a partir da bibliografia sobre a mesma temática. Entretanto, às fontes colhidas na casa paroquial não foram suficientes, então tivemos que recorrer aos acervos de fotos, folhetos e relatos dos moradores da localidade.

Neste sentido, as fontes icnográficas foram de fundamental importância nesta pesquisa, por proporcionarem um contato mais enriquecedor como o vivido e experimentado tanto pelos fiéis quanto pelos festeiros. O uso da fotografia possibilitou uma maior interação com o objeto. Nessa direção, Maria Eliza Linhares Borges<sup>1</sup> ressalta o objetivo do uso das imagens visuais e fotográficas como fontes históricas:

[...] as imagens visuais, dentre elas a fotografia, são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras e não como reflexo de um dado universo sociocultural. Integram um sistema de significação que não pode ser reduzido ao nível das crenças formais e conscientes. (LINHARES, 2004, p.19)

Para prosseguir o trabalho, utilizaremos algumas referências historiográficas que moldaram as festas populares brasileiras. A festa em homenagem à Nossa Senhora dos Milagres é um acontecimento social coletivo que envolve toda a

---

<sup>1</sup> LINHARES, Maria Eliza. História e Fotografia. 3ª ed. Autentica, 2011.

sociedade cariariense. A celebração por outro lado, atraem milhares de devotos e festeiros de várias localidades.

É exatamente sobre estes espaços ocupados pelos participantes que encontraremos as divergências entre as duas áreas. De um lado, os grupos organizados do profano, em outros, então os grupos eclesiais sagrados. Portanto, iremos narrar práticas e as articulações de Certeau (1994), trabalhando sobre as circunstâncias da lei do lugar, pois a festa popular, mesmo sendo uma festa religiosa, há certa resistência pelas regras opostas dos organizadores, mas os festeiros usam táticas, escrevendo lugar, e sendo assim, diferenciam a maneira de fazer as suas práticas culturais.

Segundo Certeau, a tática é uma ação calculada que é determinada pela ausência de “um próprio”, poderemos, assim dizer que as suas análises sobre a vida cotidiana partiam de uma hipótese central: é erro supor o consumo das ideias, valores e produtos pelos anônimos sujeitos do cotidiano e uma prática passiva, uniforme e puro conformismo à imposições do mercado e dos poderes sociais. Pois, as práticas estão ligadas ao processo de resistência em torno do controle.

Dialogamos também com Eliade (2008), fazendo relação entre os símbolos do ser e comportamento do sagrado e os do profano. Relacionaremos a oposição entre o sagrado e o profano por meio das relações do homem religioso em comparação com o do homem não religioso na organização da festa de Nossa Senhora dos Milagres.

Segundo Zaluar (1983), as festas dos santos eram organizadas de acordo com o modo de vida tradicional, baseado no crescimento e desenvolvimento do lugar as relações entre seus funcionários e os adeptos leigos. Com base nestas relações existentes trabalharemos o conceito de poder.

Para Foucault, o poder tem que ser analisado como algo circular e que funciona em cadeia, não estando centralizado em uma pessoa, mas sim em todos os lugares. Com base no conceito de “micropoder” no qual Foucault analisa que o poder não é exercido apenas pelo soberano sobre os indivíduos, mas que existem “micropoderes” (família, igreja, etc.) que são detentores de grande influência nas atividades humanas deixando o homem aptos ao controle do Estado, analisaremos a festa de Nossa Senhoras dos Milagres e a relações de poder exercidos a partir de inúmeros pontos em meio a relações desiguais.

Completamos ainda mais com Mariana M. Souza (2008): As festas tradicionais são realizadas de acordo com um saber transmitido pela observação e pela vivência, acontecendo de forma estruturalmente semelhante por um longo período de tempo. As festas geralmente congregam diferentes seguimentos sociais, sendo espaços privilegiados, para o exercício de trocas culturais.

Com relação aos lugares de memória dialogamos com Nora (1988), fazendo uma relação entre Festa de Nossa Senhora do Milagres, as ruas, os eventos profanos e sagrados como lugares que estão diretamente relacionados as memórias dos caririenses. Com base na memória coletiva apresentaremos os olhares dos festeiros e romeiros em torno dos lugares de memória individuais e coletivas na Festa de Nossa Senhora dos Milagres.

Por fim, analisaremos os sentidos desta festa para a população caririense. Vamos caminhar no universo das pessoas que viveram as experiências por meio de entrevistas, sendo protagonistas deste cenário nas décadas 1970 de 1996, trabalhando a relação entre o sagrado e o profano dentro das festividades dando ênfase a festa como um lugar de encontros e reencontros dos devotos e festeiros da localidade e os que se deslocam até a cidade durante os festejos.

## CAPÍTULO I

### 2 HISTÓRIA E DEVOÇÃO

#### 2.1 Breve histórico sobre a Villa Real de São João<sup>2</sup>- São João do Cariri

São João do Cariri é uma das mais antigas cidades da Paraíba localizada na microrregião do Cariri Oriental<sup>3</sup>, a região territorial da mesma já chegou a atingir mais de 1/3 do atual Estado da Paraíba, pois, além do sertão e do Cariri, pertencia-lhe Campina Grande e as suas atuais microrregiões do Agreste da Borborema<sup>4</sup>. São João do Cariri é um lugar conhecido por sua importância histórica e religiosa, teve ao longo de sua história traços de vários povos que por ali passaram em meados do século XVII e XVIII. A história da cidade, faz você fazer uma viagem ao Brasil colônia, mais exatamente ao ano de 1669, ano em que o Alferes José Alves Martins, fez a doação das sesmarias<sup>5</sup> que recebeu o nome de Sítio São João.

O processo de colonização de São João do Cariri assim como de outras regiões do Sertão foi lento, acontecendo a partir da penetração constante de vários aventureiros, oriundos de lugares distintos. Segundo Filho (2017), muitas das pessoas que chegavam à região do Cariri, pediam terras a partir das cartas de sesmarias, alegando terem gados e necessitarem de terras. Ficando evidente a importância da criação de gado para a interiorização da colonização.

---

<sup>2</sup> Em 5 de maio de 1803, durante uma visita do Ouvidor-Geral da Capitania, a Vila começa a ser denominada de Vila Real de São João. Atualmente é chamada de São João do Cariri, mas alguns moradores da localidade ainda se utilizam do termo Vila Real para referir-se a cidade. MEDEIROS, Coriolano de. Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba, Departamento de Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1950, 2<sup>o</sup> edição, p.233.

<sup>3</sup> É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Borborema. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 61.388 habitantes e está dividida em doze municípios. Possui uma área total de 4.242,135 km<sup>2</sup> formado pelos municípios: Alcantil, Barra de Santana, Barra de São Miguel, Boqueirão, Cabaceiras, Caraúbas, Caturité, Gurjão, Riachão de Santo Antônio, Santo André, São Domingos do Cariri, São João do Cariri.

<sup>4</sup> É uma das microrregiões do estado brasileiro da Paraíba pertencente à mesorregião Agreste Paraibano. Sua população foi estimada em 2006 pelo IBGE em 492.019 habitantes e está dividida em oito municípios. Possui uma área total de 2.113,326 km<sup>2</sup>. Formado pelos municípios: Boa Vista, Campina Grande, Fagundes, Lagoa Seca, Massaranduba, Puxinanã, Queimadas, Serra Redonda

<sup>5</sup> Sesmaria era um lote de terras distribuído a um beneficiário, em nome do rei de Portugal, com o objetivo de cultivar terras virgens.

No primeiro momento da história, foram os índios Cariris<sup>6</sup> que chegaram aquele lugar e se estabeleceram próximo ao leito do rio Taperoá o maior afluente do rio Paraíba onde encontravam condições necessárias para a sua sobrevivência e permaneceram por lá até a chegada do homem branco, com o qual tinham embates constantes. A colonização no Cariri aconteceu em meio a muita luta e resistência, pois, mesmos os nativos estando em um maior número, o homem branco trazia consigo a arma de fogo:

O colonizador tinha em mãos o poder das armas de fogo, dos cavalos e seus escravos, ambos tiveram que enfrentar as consequências das terríveis secas, como a de 1777, que dizimou a criação de gado e grande parte da população'. (FILHO, José de Souza Pequeno, 2017, p.60).

Ou seja, acreditamos que o motivo de tantos conflitos entre nativos e colonizadores estejam relacionados tanto a necessidade de se fixar próximo aos rios, pela disponibilidade de água que ajudava na produção do alimento como milho, feijão, batata doce e na criação de gado, quanto na exploração da mão de obra nativa.

De acordo com a *Enciclopédia dos Municípios Paraibanos (1975)*, durante boa parte do século XVIII, São João do Cariri (povoado de Travessia ou dos Cariris) era um pequeno povoado, com uma capela construída por volta de 1700 provavelmente pelos sacerdotes e demais membros da Companhia de Jesus, os Jesuítas que tiveram grande influencias nos traços religiosos, arquitetônicos e nas tradições do lugar.

A fala da senhora ML<sup>7</sup> (74 anos) relata:

Segundo o que minha mãe contava, o povoado era pequeno a capela tinha sido construída pelos jesuítas e a santa era Nossa Senhora dos Milagres, ela contava também que ao lado da igreja existia um cemitério e as casas

---

<sup>6</sup> O termo Cariri, Cariry ou Kiriry designa não apenas os povos nativos que habitavam essa região, assim como a própria província.

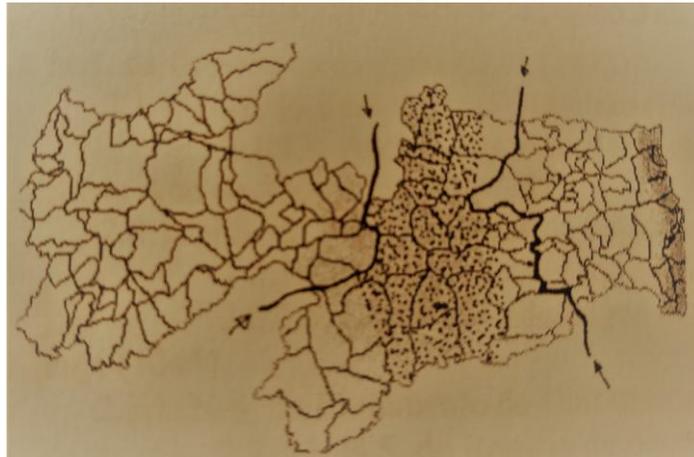
<sup>7</sup> Informamos que os nomes das pessoas que nos auxiliaram como interlocutores/as da pesquisa estão abreviados. Esta necessidade que infelizmente configura uma forma de silenciamento, é apresentado por Debora Diniz em uma entrevista concedida a Sala de Convidado, na qual a mesma aponta a ineficiência do Concelho de Ética no que diz respeito as pesquisas nas áreas de ciências humanas e sociais. Segundo a autora os comitês não foram pensados para as ciências humanas, mas para as pesquisar no campo Biomédico, sendo necessário uma adequação do CONEP (Comissão Nacional de Ética e pesquisa) para à área de humanas e suas particularidades. Entrevista concedida por Debora Diniz “Ética em pesquisa de Ciências Humanas e Sociais”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ob8oPb0bIVo> acessada em 20 de novembro de 2018.

do povoado ficavam ao redor da capela e do cemitério. (Entrevista em 30 de outubro de 2018)

O crescimento do povoado deu-se em torno da capela, fazendo com que precisamente no ano de 1750, fosse criada a Freguesia de Nossa Senhora dos Milagres. Tendo como sede a Igreja de Nossa Senhora dos Milagres que foi construída no lugar da capela, templo de enorme importância arquitetônica construídas pelos Jesuítas, provavelmente com mão de obra escrava e nativa. Em 1776 a então Freguesia é elevada a julgado com o nome Cariri de Fora e em 5 de maio de 1803 é instalada oficialmente a Villa Real de São João do Cariri, em homenagem ao príncipe João Rafael Bragança. Em 1854 é elevada à categoria de comarca:

O crescimento deste lugar de Travessia (São João), entre a segunda metade do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, o elevou a freguesia de Nossa Senhora dos Milagres e, logo no ano 1803, a categoria de Vila Real de São João do Cariri. No aspecto eclesiástico e jurídico, respondia por uma vasta região. (FILHO, José de Souza Pequeno, 2017, p.60).

**Figura 1-** Mapa geográfico da Paraíba com linhas escuras que demarca o território eclesiástico pertencente a Vila Real de São João do Cariri e meados do século XIX.



**Fonte:** Livro Estudos do Seminário

No século XIX, São João do Cariri era um dos mais importantes centros de toda a Borborema com território eclesiástico que cobria 1/3 do território da Paraíba, só perdendo este papel com a construção da Paroquia de Nossa Senhora da Conceição em Campina Grande (1769). Era ponto de relações comerciais, principalmente para a venda de animais. Contudo, sua localização geográfica não ajudou para seu desenvolvimento enquanto polo comercial:

Em 1769 desmembrou-se dela a “Freguesia da Campina Grande da Senhora da conceição... com vinte e uma legoas de largo para o sul... e de comprimento vinte e duas para o poente, mas, mesmo assim, a Freguesia dos Careris de Fora da Nossa Senhora dos Milagres abrangia vinte e cinco legoas de largo para o poente, confina com a freguesia do Ciacó ... tudo como consta de uma breve notícia da capitania da Parahyba”, redigida quando o governador de Pernambuco, a que se subordinava a Paraíba, o capitão-general José César de Menezes. (MEDEIROS, 1990. P.15-16)

Aos poucos os demais territórios foram se emancipando, como é o exemplo de Monteiro, que pelo fato de ter uma concentração de fazendas se desenvolveu tanto com relação à agricultura quanto à pecuária. E a Vila Real de São João do Cariri foi sofrendo grandes perdas territoriais, mas se manteve viva na memória e nos traços culturais de todas as regiões, isto fica evidente quando percebemos que mesmo sem administrar este vasto território a Cidade de São João do Cariri e a Santuário de Nossa Senhora dos Milagres continua sendo ponto de encontro de pessoas oriundas do Sertão, Curimataú, Seridó, Agreste e Brejo que vem à cidade todo setembro para os festejos, seja para pagar uma promessa ou para encontrar os familiares e amigos na Festa de Nossa Senhora dos Milagres.

## 2.2 A Paroquia e a Devoção

O pensamento popular diz que a diocese tem suas origens em Campina Grande. Porém está assertiva está errada. Fora da capital do estado, existiam, no início do século XVIII, três distritos administrativos como limites imaginários: Monte-mor, Travessia e Piancó. O núcleo da organização eclesial da diocese de Campina Grande se encontra em Travessia, hoje São João do Cariri, na Paróquia de Nossa Senhora dos Milagres. Por alguns anos os Jesuítas realizaram a cura das almas de Travessia e de toda a região. Há registros que, em 1746, padres seculares tinham assumido os seus trabalhos. Em 1750 foi fundada a Paroquia. (MEDEIROS, 1990. P.15-16).

A Freguesia de Nossa Senhora dos Milagres da Ribeira do Cariri de Fora e conseqüentemente Paroquia de Nossa Senhora dos Milagres fato que se deu em 13 de abril de 1750, por decreto diocesano do Exmo. Senhor bispo Dom Luiz de Santa Teresa, tinha como sede a Igreja de Nossa Senhora dos Milagres, templo de grande riqueza arquitetônica e em detalhes.

Em 1769 com o desligamento da Paroquia de Nossa Senhora da Conceição, em Campina Grande, a paroquia de Nossa Senhora dos Milagres ainda manteve capelas espalhadas por várias localidades, possuindo edícula em São José dos Cordeiros (São José), Santana do Congo (Santa Ana), Coxixola (Nossa Senhora da

Conceição), Santo André (Santo André), Parari (São José), Sururu (Nossa Senhora de Lourdes) e Santa Luzia do Cariri (Santa Luzia). Cada uma destas capelas tinham um Santo padroeiro, no qual a imagem poderia pertencer tanto a uma família, irmandade<sup>8</sup> ou a Paróquia.

Segundo Zaluar (1983) “Qualquer localidade permanente, quer se fosse freguesia, povoado, ou cidade, tinha seu padroeiro. Às vezes, esse padroeiro era designado pela igreja e sofria a concorrência do santo espontaneamente escolhido pelo “povo” como seu protetor.” Ficando assim evidente que mesmo havendo um santo protetor em cada localidade, a população continuava a peregrinar constantemente a Paroquia de Nossa Senhora dos Milagres para fazer suas preces, batizar seus filhos, para as pregações e festas da Padroeira.

De acordo com os registros da paróquia passaram pela Igreja Matriz e capelas de 1894-1918 diversos Vigários como por exemplo: Padre Ananias Farias, Padre Paulino Vilar dos Santos Barbosa, Padre Joaquin Teófilo Agra, Manuel Cristóvão R. Ventura, Padre Herculano Xavier Rocha. Durante os próximos capítulos nos deteremos a trabalhar com os Vigários Padre Antônio Apolinário Batista, Padre José Rodrigues e Padre Valdir Campelo Cabral que estiveram à frente da administração da Paroquia de Nossa Senhora dos Milagres nas décadas de 1970 a 1996.

Mas de onde vem esta devoção a Nossa Senhora dos Milagres?

Corriam estórias pelo povo de como um santo, ou sua imagem, havia passado a centralizar a devoção dos habitantes do local ou áreas mais extensas. Em alguns casos, essas estórias diziam respeito a imagens que foram achadas ou a aparições dos santos e alguém no local depois se construiu a cidade. Dessa forma, aquela cidade ficava associada a imagem encontrada, esta considerada mais milagrosa do que as outras “feitas”, ou ao santo que se tornava um símbolo da coletividade. (ZALUAR, 1983, p.61)

E a devoção a Nossa Senhora dos Milagres não seria diferente, segundo as estórias populares a devoção surgiu por volta do século XVI, na ilha dos Açores, Portugal, uma vez que pescadores que estavam na praia procurando madeira para servir de lenha para suas casas encontraram uma caixa muito bem fechada próximo ao mar. Os pescadores recolheram a caixa e levaram para onde estavam, curiosos

---

<sup>8</sup> Segundo Duarte 2013, além das capelas existiam a Irmandade de Nossa Senhora dos Milagres, Centro Apostolado de Oração, Conferência Vicentina e Obra das Vocações Sacerdotais.

para saber o que lá tinha abriram a caixa e se deparam com uma imagem, com um pequeno escrito: *“Onde me encontrarem, construa uma igreja”*.

Impressionados com o que havia acontecido os pescadores espalharam por toda a ilha sobre a aparição de Nossa Senhora, fazendo com que fosse construída no morro em frente à praia, na Serreta, uma igreja com o nome de Igreja de Nossa Senhora dos Milagres. E, de fato, aconteceram ali vários milagres, transformando o local em um centro de peregrinação.

Em São João do Cariri não foi diferente, a imagem de Nossa Senhora dos Milagres foi trazida pelos Jesuítas, e ali foi construída uma igreja em sua homenagem, logo as notícias dos milagres foram se espalhando por toda a localidade. Segundo Duarte (2013), não era difícil no caso da devoção na região do Cariri o percurso de mais de 11,12,20 léguas para assistir uma missa, batizar seus filhos e principalmente pagar suas promessas.

Para grande parte dos caririenses que tinham uma caminhada da fé cristã a imagem de Nossa Senhora dos Milagres representava algo sagrado, repleto de mística e que atenderia aos clamores dos seus devotos, logo representaria uma hierofania<sup>9</sup> para quem a olhava através do viés sagrado:

Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer se torna outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania. (ELIADE, 1999, p.13)

Ao ser trazida pelos Jesuítas para São João do Cariri, a imagem de Nossa Senhora dos Milagres passou a representar uma hierofania para eles, portanto, qualquer alteração que ocorresse na mesma geraria comoção em seus devotos. E isto aconteceu, entre os anos de 70 e 90 quando durante algumas restaurações a imagem sofreu modificações nos seus ornamentos.

**Figura 2:** Imagem de Nossa Senhora dos Milagres, (1990).

---

<sup>9</sup> Hierofania: aparecimento ou manifestação reveladora do sagrado.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Francisco Almeida.

**Figura 3:** Imagem de Nossa Senhora dos Milagres, (2017)



**Fonte:** Arquivo pessoal de Heryco Queiroz

Na figura 2 e 3 percebemos de forma bem claras as mudanças ocorridas na imagem de Nossa Senhora dos Milagres, tanto em detalhes como é o exemplo da coroa, do cetro e terço como nas cores e adornos nas roupas tanto da santa quanto do menino Jesus. Todas estas mudanças estão relacionadas tanto as restaurações quanto aos furtos que ocorreram ao ícone, como retrata a moradora ZG (76 anos):

Recordo do fato que ocorreu nos anos se não me engano 80 para 90, o padre da Paroquia era Padre Antônio e sempre mandavam a santa para cidade de Campina Grande para restaurar, quando Padre Valdir chegou a

paróquia nos anos 90, em uma das vindas para restaurar a Santa descobriram que o ouro presente na imagem tinha sido tirado, isso gerou comoção em toda a cidade, minha mãe chegou a doar a igreja uma corrente de ouro para ser derretida e colocada no detalhes da santa. (Entrevista em 30 de outubro de 2018)

A comoção foi imediata, e segundo o relato a cima moradores chegaram a doar para igreja seus pertences de ouro como: correntes, alianças, pulseiras etc. para que fosse repostos os adornos da imagem. Outro símbolo do sagrado e a igreja Matriz que possui beleza singular. Todavia durante o tempo foi sofrendo alterações nos seus traços arquitetônicos e no altar-mor. Uma das mudanças mais significativas ocorreu no altar da igreja entre os anos 70 e 80, quando com o afastamento de então Vigário Padre Antônio Apolinário por seis meses a administração da paróquia ficou na responsabilidade do vigário Padre Jose Rodrigues que mesmo com a reprovação de grande parte de população destruiu o altar-mor da igreja.

Segundo relata a moradora na localidade ML (74 anos):

A minha filha, o Padre Zé Rodrigues passou seis meses na localidade, veio substituir Padre Antônio que precisou se afastar, pelo motivo que não me recordo no momento, mas só sei que Padre Zé Rodrigues mandou derrubar o altar, junto com as “mulheres santas”<sup>10</sup> que não ouviram o clamor popular. Tentaram fazer isso também em Gurjão, mas lá foi diferente, colocaram ele para correr. (Entrevistado em 30 de outubro de 2018)

A comoção em torno da destruição do altar-mor da igreja deu-se principalmente pelo fato do templo, o altar, o lugar sagrado, representar uma espécie de portal de acesso aos céus de onde os homens são levados para a comunhão com o sagrado:

Lá, no recinto sagrado, torna-se possível a comunicação com os deuses; conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses. (ELIADE, 1999, p.19)

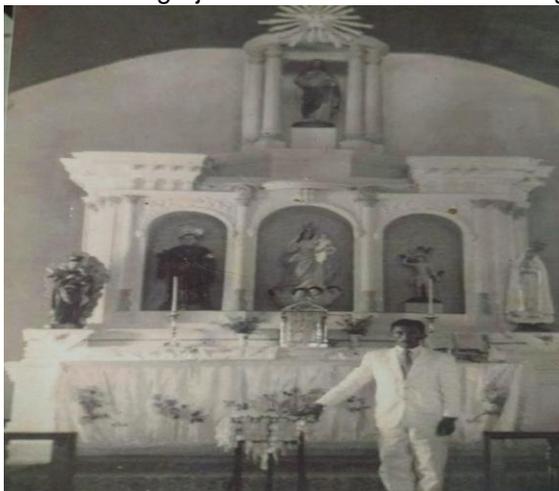
Ou seja, quando algo representa o sagrado por mais simples que seja para quem olha com o viés sagrado é uma forma de ligação e aproximação com o divino, com o que tem de mais sublime fazendo um contato entre o céu e a terra. Cada representação do sagrado, como é o exemplo do ícone de Nossa Senhora dos Milagres e a Igreja Matriz faz com que o devoto encontre um lugar para depositar

---

<sup>10</sup> Segundo a moradora ML as “mulheres santas” eram as que cuidavam da igreja e da casa paroquial e que não deixavam que ninguém fosse contra o que o padre dizia.

suas preces e agradecimento, dando esperança de dias melhores e conforto para suas aflições.

**Figura 4:** Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Milagres, (1970)



**Fonte:** Arquivo pessoal de Francisco Almeida

**Figura 5:** Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Milagres, (2017)



**Fonte:** Arquivo pessoal de Guiga Moura

A figura 4 mostra o altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Milagres na década de 70, rico em detalhes e composto com várias imagens de santos, no centro do altar está o ícone de Nossa Senhora dos Milagres trazido pelo Jesuítas, ao lado podemos perceber imagens de vários santos que na maioria das vezes eram doados pelos colaboradores<sup>11</sup>, como é o exemplo Alfredo Gaudêncio de Queiroz que segundo relato dos moradores locais fez doação à igreja da imagem de Santa Luzia.

<sup>11</sup> Colaboradores, pessoas que ajudavam na estruturação da igreja fazendo doação, colaborando com a festa de padroeiro e com as atividades sociais do local.

Podemos perceber também a presença do santíssimo, lugar onde é depositado as hóstias<sup>12</sup> e a presença de um morador da localidade não identificado.

Na figura 5 mostra o altar-mor já nos anos 2017, podemos perceber de forma clara a mudança ocorrida, o altar foi demolido e colocado apenas a imagem de Nossa a Senhora ao centro, acompanhado pelo demais componentes do altar, o santíssimo foi retirado de centro e colocado na lateral esquerda do altar.

A modificação dos símbolos do sagrado (hierofania) causou uma marca as pessoas da época, isto fica claro ao percebermos que a partir da tradição oral as pessoas vão transmitindo para as gerações histórias do corrido tanto com a igreja quanto com o ícone de Nossa Senhora dos Milagres.

---

<sup>12</sup> Hóstia, termo usado para o pão consagrado pelo sacerdote, Bispo e presbítero.

## CAPÍTULO II

### 3 AS FESTIVIDADES DE NOSSA SENHORA DOS MILAGRES

#### 3.1 A Festa, sociabilidade e lugares de memória

Viajamos na história da cidade de São João do Cariri desde o Brasil colonial e analisamos sobre a importância histórica e religiosa da cidade, assim como a fé do caririense em torno dos símbolos do sagrado. No segundo capítulo vamos pesquisar mais sobre a Festa de Nossa Senhora dos Milagres, sua importância religiosa, manifestações culturais e sociais dos festeiros e demais indivíduos na Festa tanto do profano quanto do sagrado.

“Nas religiões tradicionais dos povos, a festa é a irrupção do divino no mundo. Significa uma ruptura como o cotidiano e uma interrupção do tempo comum”, (BARROS, 2002, p.59), podemos perceber esta ruptura causada pela festa quando observamos a grande transformação nos moradores e na cidade durante os festejos: as casas são pintadas, as ruas decoradas com bandeiras e a população desde agosto procurava renovar seu guarda-roupa para se apresentar da melhor forma possível durante o evento.

Na década de 70 a festa de Nossa Senhora dos Milagres estava na responsabilidade do vigário Padre Antônio Apolinário, que organizava toda a parte sagrada da festa como as missas e a procissão, e também dava a sua participação nos pavilhões durante a organização. As festividades começavam no dia 30 de agosto e iam até o dia 08 de setembro.

**Figura 6:** Bandeira de divulgação da festa de Nossa Senhora dos Milagres, 1972.



**Fonte:** Acervo pessoal de Francisco Almeida.

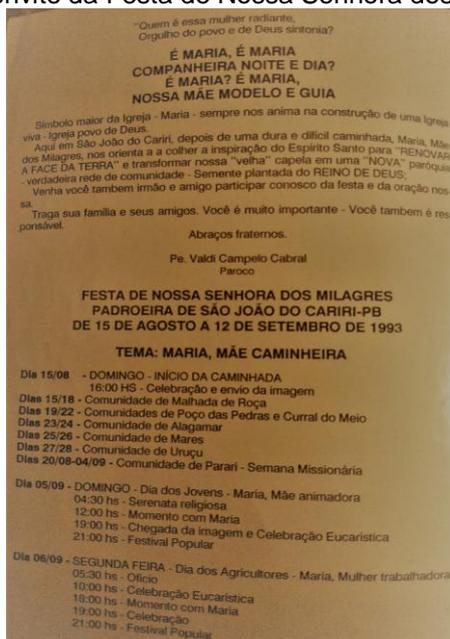
Na figura 6 mostra uma bandeira feita para divulgar a festa de Nossa Senhora dos Milagres nos anos de 1972, na década de 70 era de costume fazer estas bandeiras para serem colocadas nas casas, nos carros, para presentear algum familiar que estava longe e a partir disto divulgar as festividades que iam de 30 de agosto a 8 de setembro, onde se encerrava com a tradicional procissão a Nossa Senhora dos Milagres.

Segundo relato da moradora ML (74 anos):

A festa começava com uma missa no último dia de agosto e ia até o dia 8 de setembro, o dia de Nossa Senhora, nesse tempo não tinha a peregrinação da imagem de Nossa Senhora pelas localidades não, isso só começou a acontecer no tempo do Padre Valdir. (Entrevistado em 30 de outubro de 2018)

Durante os anos 90, com a chegada do vigário Padre Valdir Campelo Cabral, as festividades ganharam uma proporção maior, já se iniciavam na metade do mês de agosto quando a imagem de Nossa Senhora dos Milagres peregrinava pelas comunidades circunvizinhas.

**Figura 7:** Convite da Festa de Nossa Senhora dos Milagres, 1993.



Fonte: Arquivo pessoal de Francisco Almeida

Na Figura 7, podemos observar uma das páginas do convite da Festa do Nossa Senhora dos Milagres no ano de 1993 onde consta um cronograma de peregrinação da imagem pelas comunidades já no mês de agosto.

Os devotos começavam os festejos a partir do envio da imagem que acontecia após celebração da missa.

A imagem Nossa Senhora passava alguns dias do mês de agosto em cortejo pelas comunidades, onde era recebida com muita festa e devoção, só retornando para São João do Cariri no dia 05 de setembro, onde era acolhida com muito clamor tanto pelos moradores locais quanto pelos romeiros das comunidades nas quais a imagem da Santa havia peregrinado.

Segundo Zaluar (1983) “após a chegada da bandeira, tinha início a festa propriamente dita, quando toda a área de influência do santo, acorriam pessoas para cidade ou povoado de onde a bandeira havia saído”.

Dando início a festa o clima da cidade mudava, as ruas ficavam cheias de gente que vinham à cidade tanto com o objetivo de professar sua fé à mãe dos milagres<sup>13</sup> como reencontrar seus familiares e seus lugares de memória<sup>14</sup>. Para Nora: “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notório ato, porque estas operações não são naturais”. Ou seja, isto faz parte de sua ideia de que os lugares de memória se configuram essencialmente ao serem espaços onde a ritualização de uma memória histórica pode trazer lembranças.

A festa de Nossa Senhora dos Milagres a partir da sua ritualização faz com que as pessoas revivam seus lugares de memória. Sendo um lugar de reencontro tanto com suas memórias, quanto com seus familiares e amigos. As ruas, o desfile cívico, os pavilhões, a procissão faz todos os anos as pessoas reviverem outras épocas de sua vida, recordar histórias e amizades.

A cidade de São João do Cariri, durante o setembro vira um lugar de encontros e reencontros, deixando evidente que muitas pessoas não são católicas, mas se deslocam a São João do Cariri todos os anos no mês da festa, não com o objetivo de participar dos eventos relacionados ao sagrado, mas sim de rever os familiares e reviver a partir da ritualização da festa os seus lugares de memória.

As festas tradicionais são realizadas de acordo com o saber transmitido pela observação e pela convivência, acontecendo de forma estruturalmente semelhante

---

<sup>13</sup> Nome usado pelos caririenses para se referir a Nossa Senhoras dos Milagres

<sup>14</sup> NORA, Pierre. O retorno do fato. In LE GOFF, J. & NORA, P. (org). História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, pp. 179-193

por um longo período de tempo. As festividades geralmente congregam diferentes segmentos sociais, sendo momento de privilégio para o exercício de troca de cultura (SOUZA, 2008, p.30). Ficando evidente a Festa de Nossa Senhora dos Milagres como um lugar de sociabilidade, de reencontro de memórias e que mesmo sendo uma festa religiosa, envolve outras relações sociais e culturais.

Para desvendar as articulações sociais e culturais, vamos analisar os preparativos das festividades do profano. Seus organizadores geralmente pertenciam a sociedade cariense, eram funcionários públicos, figuras públicas ou simplesmente membros dos grupos sociais da igreja. Como relata a moradora DS (83 anos):

A festa social era muito animada, os pavilhões eram organizados tanto por figuras públicas, funcionários da prefeitura ou por pessoas da igreja que gostavam dos eventos sociais. Existiam também os colaboradores da festa que ajudavam financeiramente ou com algum tipo de doação para o pavilhão. (Entrevistado em 30 de outubro de 2018)

O espaço da festividade do profano ocorria nas ruas centrais de São João do Cariri. A exemplo da Rua Desembargador Brito, onde se encontra a igreja e onde durante a década de 70 era realizado os pavilhões. Nos anos 80 e 90 o pavilhão central foi transferido para a Rua João Pessoa onde se encontra a prefeitura municipal, o distanciamento do pavilhão central da Igreja matriz tinha com objetivo fazer uma divisão entre o espaço voltado para o sagrado e o reservado aos eventos profanos.

Durante a noite as ruas onde estava localizado o pavilhão era os lugares de maior concentração de participantes, desde as famílias mais tradicionais, assim como amigos e demais convidados.

Durante os anos o evento foi mudando suas características, nos anos 70 sobre a administração do vigário Padre Antônio o pavilhão tinha a participação da Banda filarmônica da cidade, mas era proibido pelo padre de ter dança no ambiente. Segundo relata a moradora ML (74 anos):

Os pavilhões durante o período em que Padre Antônio estava a frente da paróquia era proibido dança, a noite era animada pela banda filarmônica, mas mesmo sem poder dançar as noites eram muito animadas, com disputas dos cordões, tinham as floristas e os leilões. Sem falar que era um momento de reencontrar antigos amigos e reviver histórias. (Entrevistado em 30 de outubro de 2018)

As festividades tidas como profanas, representam uma marca nas festividades de Nossa Senhora dos Milagres, e levando em consideração o discurso de Certeau<sup>15</sup> (1994) sempre há maneira de se encontrar soluções para não ficar de fora das festividades do pavilhão principal, ou seja, pessoas conseguiam encontrar diferentes maneira de participar da festa, como era o exemplo das moças, nas quais os pais não permitiam que ficassem até tarde no pavilhão, como tática para conseguir ficar nos festejos as moças buscavam arranjar uma função nas atividade do pavilhão sendo assim possível ficar no evento até o final.

As moças da cidade tinham papel muito importante nas atividades do pavilhão, participando como garçonete, florista<sup>16</sup>, disputando a rainha da festa<sup>17</sup>, participando de brincadeiras como é o exemplo do caritó.

**Figura 8:** Pavilhão central, 1984.



**Fonte:** Arquivo pessoal de Francisco Almeida

Na figura 8 podemos observar a importância da participação das moças da cidade no pavilhão, as duas moças da direita e a primeira da esquerda estão com faixas de telegrafistas elas eram responsáveis por recolherem as mensagens enviadas durante o pavilhão, a última moça da esquerda estava com a faixa de prisioneira livre, ou seja a mesma estava participando a brincadeira do caritó onde as moças eram presas e só seria liberta aquela que tivesse o maior número de

<sup>15</sup> Certeau (1994) A arte de fazer invenção do cotidiano p.91

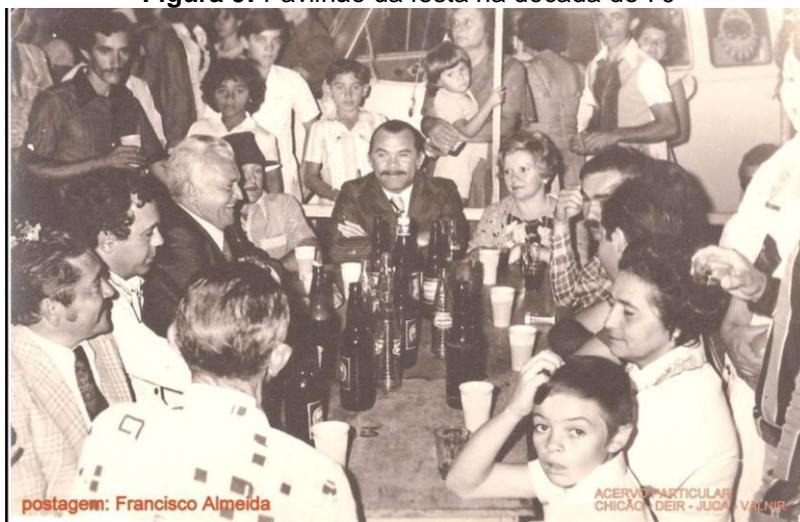
<sup>16</sup> Moças responsáveis por venderem flores no pavilhão

<sup>17</sup> Era eleita a Rainha da festa a que conseguisse arrecadar mais doações em dinheiro para a festa

ofertas em dinheiro. Ao centro da foto temos a figura de Pedro Medeiros uma figura pública da cidade.

Cada pessoa era de fundamental importância dentro dos festejos, para Zaluar<sup>18</sup> (1983, p.75), cada um dos devotos contribuía (dinheiro, alimentos doces, bolos, tralhando etc.) com a festa, de acordo com suas posses. Da sua forma e condição todas as pessoas conseguiam contribuir para a organização do evento, mas não poderíamos deixar de observar o pavilhão como um lugar de poder, onde às figuras principais da cidade ganhavam foco na festa, sendo comum os prefeitos ou pessoas de mais condição social ter uma mesa reservada no centro da festa onde pagavam bebidas e comidas para as pessoas e participavam dos leilões de animais e das brincadeiras feitas no pavilhão.

**Figura 9:** Pavilhão da festa na década de 70



**Fonte:** Acervo particular de Chicão, Deir, Juca e Valdir

Na figura 9 está representada a mesa no prefeito da cidade na década de 70, José Gomes Ferreira, mas conhecido como Josete e outras pessoas públicas da cidade. A mesa sempre ficava em evidência na festa e os mesmos exerciam seu poder na maioria das vezes de forma imperceptível por muitos.

Para Foucault<sup>19</sup> (2007), poder não se tem, se exerce. Existe um “micropoder”, e todos se unem em “microesferas”, que exercem poder sobre os indivíduos, interferindo na sua autonomia, tornando-os mansos. O poder não é um objeto natural, mas uma prática social expressa por um conjunto de relações. Dentro dos

<sup>18</sup> Alba Zaluar. Os Santos e suas festas, promessas e milagres dos santos. Rio de Janeiro, 1983, p.75.

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Editora Graal, 2007

festejos estas relações ficavam claras quando percebemos que o controle da festa fica nas mãos daqueles que detinham dinheiro para financiar os leilões, às brincadeiras e as disputas entre os cordões.

Segundo Barros (2002) “(...) organizavam-se festeiros que patrocinavam as noites e pagam os animais e gastos das festas. Alguns por sincera devoção, mas muitos por interesses eleitorais ou para manter controle social sobre a população.” Isto ficava evidente no pavilhão a medida que as famílias tradicionais disputavam o controle e buscavam mostrar o seu poder a partir das disputas nos leilões ou entre os cordões, o cordão que ganhasse mostraria qual a família tinha mais poder. Este “micropoder” dentro dos pavilhões acontecia de forma tão comum que passava imperceptível ao olhar de muitos.

Assim como os pavilhões representam um pouco do contexto social e cultural da cidade, o desfile cívico de 7 de setembro era um evento prestigiado por todos os carienses, sejam eles moradores da cidade ou aqueles que vinham a localidade pelo motivo da festa. As escolas estaduais e municipais vivenciavam seus melhores desfiles, havendo uma disputada entre os melhores pelotões e sobre qual escola estaria mais bonita.

O desfile cívico e o patriotismo condizem muito com o contexto no qual o Brasil estava passando entre as décadas de 70 e 80, onde o regime militar por meio da escola buscava exaltar o patriotismo aos jovens. Portanto a realização de tais eventos já fazia parte do calendário escolar, mas como coincide com a festa de Nossa Senhora dos Milagres, o desfile cívico virou parte da sua programação.

**Figura 10:** Desfile cívico na década de 90



ACERVO PARTICULAR:  
CHICÃO - DEIR - JUCA - VALNIR

**Fonte:** arquivo particular de Chicão, Deir, Juca e Valnir

A figura 10 que foi tirada na década de 90, durante de desfile de 7 de setembro, podemos ver o pelotão formado por alunas da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jornalista José Leal Ramos, o desfile era tido como um evento já esperado todos os anos dentro da programação da Festa de Nossa Senhora dos Milagres.

As escolas se empenhavam em realizar os desfiles com alto padrão de qualidade, pois o mais organizado seria visto pela sociedade como o de melhor ensino, havendo disputas entre as escolas de quem se sairia melhor no evento. O desfile além de abrilhantar as festividades, levavam as pessoas a recordarem a sua infância e seu tempo de escola e a fazerem uma comparação entre as gerações que participavam do evento:

“O sentimento de pertencimento a um grupo social e um espaço urbano era invocado várias vezes por ano, quando as pessoas se envolviam na preparação das festas, que viviam coletivamente percorrendo os mesmos espaços conforme estabelecia a tradição” (SOUZA, M. 2008, p.151).<sup>20</sup>

A festa representa uma grande transformação na vida dos carienses, para os moradores é uma grande emoção, principalmente, quando chega os parques, barracas, bazares. A maior mudança ocorre com a chegada dos visitantes da terra, para as famílias é momento de confraternização, emoção e muita alegria ter o seu filho para comemorar as festividades ao seu lado, sem falar que durante a festa é um momento de reafirmação dos laços de amizade. Rever amigos, filhos, pais, primos e outros atributos. Segundo Brandão (1987) “a festa instaura uma transformação, não só na rotina de vida da sociedade local, como na própria vida de seus participantes”.

### **3.1 A procissão: Os Ritos do Sagrado**

O cortejo de Nossa Senhora dos Milagres, no momento da procissão é um ritual que aglutina milhares de sujeitos nos espaços reservados conforme seus desejos, momento em que os devotos pretendem evidenciar seu fervor à fé católica, professando seus pedidos e agradecimentos. A saída da imagem de Nossa Senhora dos Milagres é o marco principal da festividade, onde durante o percurso que passa pelas principais ruas da cidade cada pessoa segue de forma diversificada no seu

---

<sup>20</sup> Ver M. Souza, Paraty e as festas, Rio de Janeiro, 2008 p.151

ritual, na tentativa de demonstrar sua homenagem a Santa, inclusive muitos destes sujeitos utilizam o espaço conforme a sua necessidade espiritual e emocional diante de sua crença.

As ruas da cidade são tomadas por devotos, cada um com suas particularidades, mas com um único objetivo que é professar sua fé e agradecer as graças alcançadas. É comum durante todo o percurso encontrarmos pessoas pagando suas promessas de várias formas, sejam descalços, vestidos de roupa branca, com terços nas mãos, crianças vestidas de anjos, de Nossa Senhora, de joelhos e com pedras na cabeça.

Durante todo o cortejo, o silêncio, a emoção, a fé e o agradecimento toma conta das ruas da cidade, as ruas nas quais a procissão passa ficam pequenas para a quantidade de pessoas, a emoção fica estampada do rosto de cada um. Para os que participam da procissão, ali, durante o cortejo é um momento em que as pessoas estão em plenitude com Deus a partir da hierofania representada pela imagem de Nossa Senhora dos Milagres.

**Figura 11:** Procissão de Nossa Senhora dos Milagres, 1987.



**Fonte:** Acervo pessoal de Francisco Almeida

Na figura 11 podemos ver a procissão de Nossa Senhora dos Milagres no ano de 1987, o marco da Festa e momentos onde muitos participam pela tradição, já outros vão mais como peregrinos, e parte deles utiliza este momento para penitência, pagar promessas, como também para pedir ajuda para um parente doente, um emprego, sem deixar de frisar que outros participam para agradecer pelas chuvas ou por terem feito uma boa colheita.

Tem pessoas que não podem perder um ano da procissão devido a sua promessa e mesmo depois da sua morte seus familiares devem manter a tradição e pagar a promessa feita. Segundo Zaluar (1983) “os deveres com os santos, especialmente o pagamento de promessas feitas para obter sua proteção em caso de doença, continuavam a valer mesmo com a morte do indivíduo que fez a promessa, sendo que parentes próximos deveriam retoma-las”.

A procissão é o momento em que a igreja católica exhibe seus símbolos, demonstrando todos o poderio da instituição sobre a sociedade cariense. A partir da fala da moradora ML (74 anos), “era comum as pessoas organizarem a frente das casas nas ruas onde a procissão passava e quando a procissão passava por perto dos bares das cidades as pessoas ficavam em silêncio por respeito”. Os moradores das ruas onde a procissão passa enfeitam suas janelas com mantos brancos e um jarro de flores para receber a imagem.

No momento do cortejo, o respeito é percebido em todas as relações sejam elas sagradas ou profanas, mesmo não sendo devoto de Nossa Senhora dos Milagres, os carienses teriam que ter um grande respeito, como no cenário da festa profana: as barracas, bares, os parques de diversão, paravam suas atividades e só voltavam após a apresentação das festividades sagradas para atender os festeiros.

As relações de poder também são percebidas nas estruturas de organização da procissão. Antes da saída é organizada os lugares de cada grupo no cortejo, a frente estavam os grupos eclesiais, seguindo uma hierarquia acompanhada do bispo da diocese, juntamente com o pároco da Igreja e demais padre convidados, seguindo dos símbolos da igreja, como estandartes e a bandeira da instituição. Em seguida estão os grupos da igreja tais como, Coroinha, Liturgia Eucaristia e o Apostolado do coração de Jesus, formando duas filas uma a direita e outra à esquerda. No centro do círculo está o andor de Nossa Senhora dos Milagres, levado em um carro cedido normalmente por um devoto.

Finalmente, seguem os devotos, pessoas e personagens acompanhando a procissão. No cortejo a procissão percorre as ruas principais da cidade, tais como: saindo da frente da Igreja Matriz, passando pela rua 15 de novembro, descendo pelo rua Josefa Cordeiro, e chegando à rua principal da cidade a Rua João Pessoa, voltando a Rua Desembargador Brito em que se localizada a Igreja Matriz, onde ocorria uma Missa Solene com os Padres e Bispo, com a participação da multidão

de fiéis. Além de toda a simbologia envolvida dentro do cortejo o poder pode ser percebido nas relações sócias existentes:

Trata-se (...) de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações (...) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam (...) Em outras palavras, captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício. (FOUCAULT, 1979, p.182).

Para Foucault o poder não está centrado no Estado e nem em uma pessoa, mas sim nas relações sócias existentes, em cada extremidade da organização da Festa de Nossa Senhora dos Milagres podemos perceber estes “micropoderes” sendo colocados em prática tanto no ambiente do sagrado quanto o do profano.

Portanto, todos estes eventos já mencionados finalizam a Festa de Nossa Senhora dos Milagres, mas a noite do dia 8 de setembro ainda está reservada às atividades profanas no pavilhão, nas frentes das casas onde costuma-se reunir os amigos e familiares para a confraternização antes da despedida dos que estavam na cidade apenas a passeio.

Em todos os cantos da cidade após a procissão o clima é de festa, alegria e saudade. Saudade dos familiares que vão voltar para as cidades onde residem, das histórias e do clima festivo que a cidade passou durante toda a semana. A Festa de Nossa Senhora, marca não só os moradores da localidade, mas todos que por lá passam e compartilham um pouco da vivência, história e revivem os seus lugares de memória:

Locais materiais ou imateriais nos quais se encarnam ou cristalizam as memórias de uma nação, e onde se cruzam memórias pessoas, familiares e de grupos, monumento, uma igreja, um sabor, uma bandeira, uma árvore centenária podem construir-se em “lugares de memórias”, como espelhos nos quais, simbolicamente, um grupo social ou um povo se “reconhece” e se “memória”, mesmo que de maneira fragmentada. (NORA, Pierre, 1988)<sup>21</sup>

Os ritos do sagrado e o espetáculo do profano dentro das festividades de Nossa Senhora dos Milagres fazem as pessoas que vão a São João do Cariri e os que lá residem reviverem as suas histórias. Cada casarão, praça, rua ou igreja tem um pouco da história de cada caririense que por ali passa todos os anos.

---

<sup>21</sup> Pierre Nora. Les Lieux de mémoire (dir.) Paris, Gallimard, 1997, 7 volumes.

Durante à festa de setembro<sup>22</sup> a alegria contagia, a esperança e fé dos devotos são renovadas e os festeiros se divertem e revivem suas histórias e amigos. Segundo IRARRÁZAVEL (1998), “a festa sintetiza as sensibilidades, trajetórias históricas, vivências e visão de fé. A festa significa liberdade”<sup>23</sup>. A Festa de Nossa Senhora dos Milagres além ser um símbolo de fé e marco para os carienses é um lugar de encontros e reencontros de famílias, amigos e memórias. Onde a liberdade e harmonia se faz presente entre a relação do sagrado e do profano.

---

<sup>22</sup> O termo festa de setembro é usado por muitos dos carienses para se referir a Festa de Nossa Senhora dos Milagres.

<sup>23</sup> Irarrázaval, Diego. La fiesta , símbolo de libertad. Lima: CEP,1998, p.11.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita materializa, dá concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É nesse sentido que o registro escrito amplia a memória e história o processo, em seus momentos e movimentos (...). (FREIRE, Madalena)

A memória de um lugar tem que ser registrada, suas histórias, festividades e representações. O tema do trabalho foi uma experiência que passamos ao longo de curso, era algo que nos inquietava. Como pode uma cidade tão rica historicamente como São João do Cariri que tem uma tradição religiosa tão forte não ter quase nada documentado sobre a Festa de Nossa Senhora? Porém vimos que foi em meio a esta inquietação e muita luta que superamos as barreiras e concretizamos sonhos de documentar um pouco da riqueza histórica existente na cidade. Levamos conosco a certeza de que este objetivo de pesquisa nos ajudou a conhecer um pouco mais de perto as festividades de Nossa Senhora dos Milagres em São João do Cariri- PB.

Com a pesquisa recuperar muitas histórias que se não fossem documentadas seriam esquecidas e silenciadas. Dando a oportunidades de as futuras gerações entenderem um pouco de como eram as relações sócias e eventos na sua cidade. Muitos anos passaram e na atualidade a Festa de Nossa Senhora está bem diferente, principalmente com relação aos eventos relacionados aos profanos, os pavilhões aos moldes tradicionais com brincadeiras, leilões e disputas entre os cordões basicamente não existem mais.

Em 2016 o vigário Padre Valdir Campelo Cabral ainda buscou recuperar os pavilhões tradicionais, mas as festas atuais chamavam sempre mais atenção. Com esta pesquisa estaremos dando a oportunidade às futuras gerações de conhecerem a partir dos relatos, fotos e histórias como eram as relações sócias no passado, avivando as memórias, daqueles que viveram e aproveitaram a festa nas décadas de 70 e 90.

Durante a pesquisa enveredamos pelas leituras de alguns autores que nos possibilitaram construir o nosso próprio conceito em relação as festas populares, analisando as festividades caririenses, percebemos a sua importância para a sociabilidade e reencontros. A festa guarda uma sequência de rituais, como o desfile cívico, às romarias, procissão, missas, lugares de sociabilidade que ao longo das décadas, ficaram enraizados na cultura do caririense.

De acordo com a pesquisa, as festas populares permeiam relações por todo o Brasil. Porém alguns símbolos ainda persistem e outros tantos foram se moldado ao tempo e realidade em que estão inseridos como é um exemplo dos pavilhões na Festa de Nossa Senhora dos Milagres que foram moldados de acordo com o tempo e o gosto do público da época.

A Festa de Nossa Senhora dos Milagres tem o seu passado histórico ligado ao progresso de desenvolvimento do município, que é extremamente influenciado pelas crenças e místicas na Padroeira Nossa Senhora dos Milagres, sendo um marco da identidade cultural do povo cariense, que precisava ser registrado e analisado como um lugar de forte marca para o povo, que faz o cariense todos os anos reviver suas histórias, memórias e reencontrar parentes e amigos.

## 5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. **História da Paraíba**. João Pessoa: Editora: Universitária - UFPB, 1978.

BARRETO- Wanderley - **Breve histórico sobre a Villa Real de São João do Cariri** -2013 <http://ensmilagres.blogspot.com/2013/05/breve-historico-sobre-villa-real-de-sao.html> - acesso em:). 25 de agosto de 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “**Danças de Santos**”. In: Festim dos Bruxos: Estudos sobre Religião no Brasil. São Paulo. Ícone, p. 139-191.

CERTEAU, Michel de. “**A arte de invenção do cotidiano**”. In: Culturas populares e Relatos de Espaço. Vozes. Rio de Janeiro, 1994, p.75-99.

ELIADE, Mircea.; **O sagrado e o profano** - a essência de religião; São Paulo: Martins Fontes, 1999. Tradução: Rogério Fernandes.

FALCON, Francisco. “**Uma Nova Visão sobre a Sociedade e Cultura**”. In: História e Cultura. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p.75-97.

FILHO, José de Souza Pequeno. **Experiencias Vividas: Escravidão e formação de São João do Cariri**. João Pessoa. Editora: CCTA, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FONTE, Martins. “**A Essência das Religiões**”. In: O sagrado e o profano. São Paulo, 2001, p.22-61.

JÚNIOR- Francisco das Chagas F. Santiago- **Os lugares de memória ao patrimônio: emergência e transformação de “Problemática dos lugares”** - 2015- <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/21370/18609> - acesso em :). 25 de agosto de 2018.

MEDEIROS, Tarcízio Díona. **Freguesia do Cariri de Fora**. São Paulo: Camargo Soares, 1990. p.15-16.

NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In LE GOFF, J. & NORA, P. (org). História: novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, pp. 179-193.

PASSOS, Mauro. **A Festa na vida**. Vozes. Rio de Janeiro, 2002.

SOUZA, Mariana de Mello, **“Cotidiano e festas”**. In: Paraty: a cidade e as festas.Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2008, p.79-150.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.

ZALUAR, Alba. **“Os Santos e suas Festas, Promessas e Milagres dos santos”**. In: Os Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1983, p. 58-97.

## 6. ANEXOS

### ANEXO A- Desfiles Cívicos nas décadas de 80 e 90



Fonte: Arquivo pessoal de Chicão Almeida



Fonte: Arquivo Pessoal de Chicão Almeida

## ANEXO B – Procissão de Nossa Senhora dos Milagres



Fonte: Arquivo pessoal de Chicão Almeida



Fonte: Arquivo pessoal de Guiga Moura

## ANEXO C- Pavilhão Central da Festa de Nossa Senhora dos Milagres (1970-1990)



Fonte: Arquivo pessoal de Chicão, Deir, Juca e Valnir



Fonte: Arquivo pessoal de Chicão, Deir, Juca e Valnir

**ANEXO D- Os romeiros de Nossa Senhora dos Milagres**

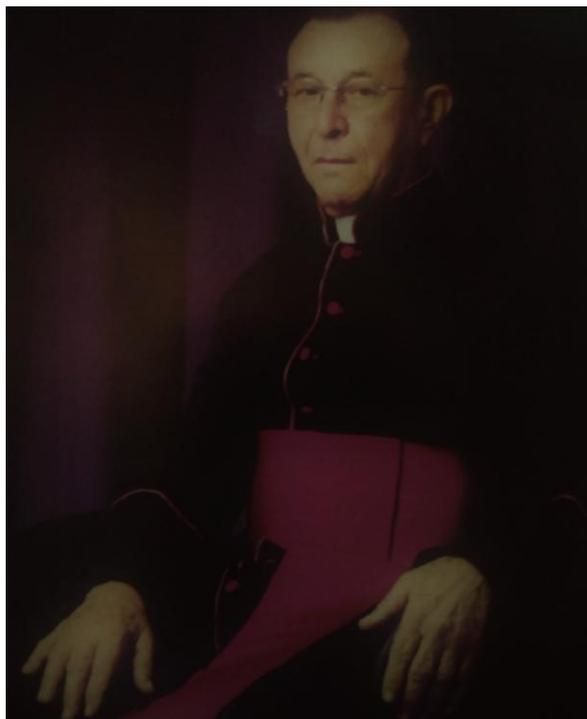


Fonte: Arquivo pessoal de Guiga Moura



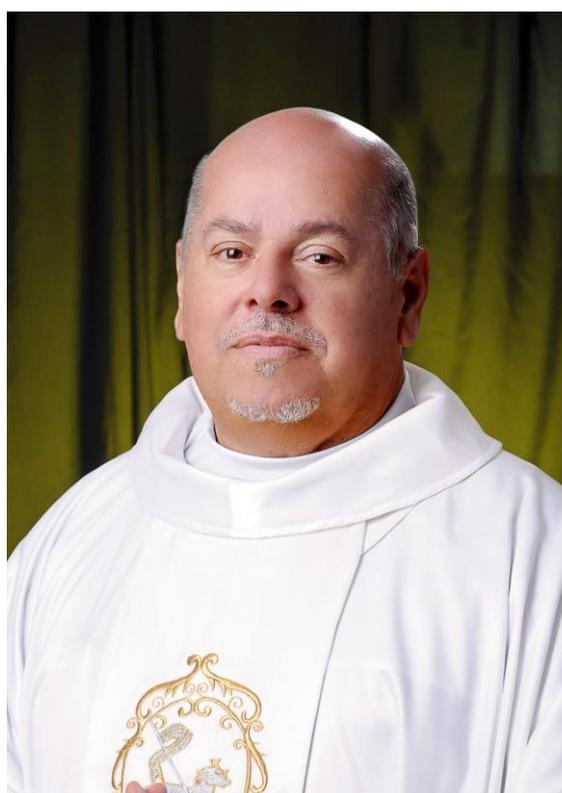
Fonte: Arquivo pessoal de Chicão Almeida

**ANEXO E – Padres de São João do Cariri (1970-1990)**



**Padre Antônio Apolinário**

**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Pereira Gouveia



**Padre Valdir Campelo Cabral**

**Fonte:** Arquivo pessoal de Maria de Lourdes Pereira Gouveia